

## *Verificadores de Factos: Ascensão & Desafios*

*/// José Augusto Santos Sendim Silva*

*2200867@iscap.ipp.pt*

<https://orcid.org/0009-0001-1945-9693>

*ISCAP, Instituto Politécnico do Porto*

**P. PORTO**  
ISCAP

Revista Técnica de  
Tendências em  
Comunicação  
Empresarial

### **Resumo**

Nos nossos dias, nem sempre podemos acreditar no que vemos e ouvimos: é inquestionável a manipulação da informação por parte de terceiros, com vista a influenciar comportamentos em massa. Já que são muitos os que se deixam enganar pela suposta veracidade dos artigos num ambiente cada vez mais digital, o presente obriga-se a reconhecer a importância crescente de verificar factos em Portugal. Aqui, e do ponto de vista pessoal e despretensioso, são explicitadas as adversidades que o Fact-Checking enfrenta. O autor também se incumbe de refletir acerca do discurso político e da sua manipulação, não olvidando de considerar a propagação de falsas notícias e como combater este problema.

**Palavras-chave:** Verificadores de Factos, Veracidade dos Media, Comunicação e Informação, Ética

### **Abstract**

In today's world, we can't always believe in what we see and hear: the manipulation of information by others to influence the general behavior is beyond a doubt. Because there are so many misled by the supposed veracity of given facts in such an increasingly digital environment like ours, the article recognizes the growing importance of Fact-Checking in Portugal, explaining its challenges in a personal but unpretentious approach. Furthermore, the author takes full responsibility for reflecting on political discourse and manipulation, not forgetting to consider the spread of fake news and how to avoid them.

**Keywords:** Fact-Checkers; Veracity of Media; Communication and Information; Ethics

## O Discurso Político

Nos períodos das campanhas eleitorais, verificar factos assume um papel mais do que preponderante, pois a propagação de falsidades é maior nesta época. Em 2019, o Polígrafo e o Observador desmentiram uma exaustiva lista de notícias de âmbito político, neste que foi o ano em que, na Nossa Pátria, mais se falou sobre a desinformação. 2019 foi um ano assinalado por 3 diferentes eleições (europeias, regionais e legislativas) e; então, que tal refletirmos a influência do Fact-checking na política?

Recentemente, fontes de Verificação de Factos desmentiram diversos artigos de carácter político. Informações de que Lula da Silva teria gasto mais de nove milhões € em almoçarada com António Costa; vereadora do BE Beatriz Dias teria defendido que portugueses serem minoria seria bom ou que Ana Gomes teria afirmado que, se Ventura fosse detido, a extrema direita não estaria em crescimento cá em Portugal, foram declaradas falsas. Mais adiante, veremos que o Fact-Checking não se limita apenas ao âmbito político, uma vez que o bicho de sete cabeças da desinformação ameaça atingir o o prestígio da atividade jornalística, conhecimento e mesmo a nossa saúde!!

A minha reflexão é a seguinte: a verificação do discurso político pode (mesmo!) mudar o rumo das campanhas e, se bem aplicado, pode tornar os eleitores mais atentos e até rigorosos. Talvez mesmo o caro leitor já mudou de opinião consoante uma fuga de informação. Um exemplo mais atual do que este é impossível: o Fact-Checking tornou possível o acesso ao conhecimento dos escândalos da TAP, que levou à crise vivida no Governo e às polémicas que envolvem cargos no Executivo. O caso de Tancos também se valeu do empenho de organizações como o Polígrafo, o Observador e o Correio da Manhã, apesar dos seus títulos sensacionalistas. É também devido ao Checking que uma Secretária de Estado se demitiu 24 horas depois de ter tomado posse, por exemplo e; devido a este clima, sondagens revelam que o PS desceu na intenção de voto dos Portugueses. Como se pode ver, eu até apresento um ponto de vista mais assente e confiante no nosso poder; contudo, como não quero ofuscar opiniões opostas à minha, que tal abordarmos autores não tão esperançosos?

O conceito de “Backfire Effect” tem sido polémico e vindo a revelar o lado menos reconhecido da política do Checking: relatado por Nyahn, Porter, Reifler & Wood (2019), é um fenómeno no qual verificar factos e corrigi-los falha na guerra à informação falsa (veremos à frente que até aumenta a sua base dentro de grupos vulneráveis, podendo levar ao voto num candidato específico). Como menciona Tatiana Dourado num artigo seu (2019), a relação entre a imprensa e a política tem controvérsias: a autora cita Blumber (2014), que defende que a mediatização dos Media conduz à exclusão de grupos já marginalizados, a priorização de problemas de curto prazo, etc. O americano Paul Waldman (2011) chega mesmo a questionar a eficácia desta prática jornalística sobre a esfera política e Barrera (2020) acredita que há desconfiança dos eleitores nos Media tradicionais, pelo que se refugiam no Online.

Ambos os lados da barricada têm razão em determinados pontos: vamos embarcar para os Estados Unidos para exemplificar ambas as perceções. Para assegurar que tenho um fundo de verdade na minha opinião, citemos o Caso Watergate: este envolveu negócios corruptos e conduziu o presidente Nixon a demitir-se do cargo de Presidente dos Estados Unidos da América. Ora, num espírito crítico e como intérprete, imagino que, sem o empenho dos repórteres do The Washington Post, Nixon nunca teria sido indiciado do crime de corrupção e seria considerado um dos grandes Presidentes Norte-Americanos, até ao fim do mandato. Contudo, como a verdade veio ao de cima, ficará lembrado como um dos políticos manchados pelo

lastimável vício da corrupção. É, portanto, credível que a verificação de fatos pode mudar o rumo da política.

Apesar disto tudo, o mundo não é a preto e branco. Há quem defenda, com unhas e dentes, que os políticos tendem a ignorar e não assumem erros em público. Também há os que argumentam com mais fake news, em oposição e resposta àqueles que criticam os seus cargos. Esta partilha de notícias apresenta um alargado leque de conteúdos; contudo, nenhum pinga de verdade. Como indica Lockie (2017), a confiança na ciência tem sofrido danos. As pessoas, devido aos seus cargos de responsabilidade e sentido de veracidade, são capazes de afirmar o que pensam, independentemente das evidências contra o seu interesse. A confiança na legítima área das Ciências é oposta à pós-verdade, segundo o autor, e bombardear toda a verdade pouco ou nada faz para alterar a ideologia da audiência, tão enraizada nesta devido à simpatia pela personalidade individual. Ainda que não seja mandatário, existe Culto à Personalidade nos nossos dias!!

Ora, se nós quisermos juntar todas as peças do Puzzle, percebemos que Trump é a caricatura que representa as críticas todas. Na sua campanha de 2016, ignorou por diversas vezes fontes fidedignas que se opunham aos seus interesses. Presume-se que o político tenha dito mais de 30 mil declarações falsas ao longo de 4 anos, o que dá uma média de 21 por dia. Os verificadores do Washington Post, já experientes com as mentiras de Nixon, catalogaram 503 alegações falsas num único dia: véspera da eleição de 2020! Trump não só se defende dos opositores com fake news (acusando os Democratas, entre eles Obama, de criarem o Estado Islâmico), mas também personifica, como vimos anteriormente, o descrédito científico (revela-se não crente nas alterações climáticas e sugeriu detergente como desinfetante para a Covid). Nixon e Trump têm em comum o já terem sido Presidentes de uma das mais fortes economias mundiais; contudo, o Fact-Checking levou-os a destinos totalmente distintos. Atentemos no sorriso não tão ingênuo de Trump e no desgosto de Nixon...



**Nota.** Retirado de Matthews, D. (2016, 18 Julho). Donald Trump's real political inspiration: Richard Nixon. Vox. <https://www.vox.com/2016/3/28/11312178/donald-trump-richard-nixon>

Finalmente; no âmbito político: considero de maior ressaltar que, muitos de nós, partilham informação para difamar a política e “só porque sim”. Várias citações de grandes Vultos do passado apresentam-se na Internet, mas que nem coerência

apresentam. As personalidades são argumentos de autoridade e conexão para quem o Povo associa o descrédito nos Políticos. Vamos ver exemplos?

O Polígrafo provou como falsa uma suposta frase atribuída a Eça de Queiroz e que acumulou milhares de partilhas: “Se a Assembleia da República tivesse grades, seria um jardim zoológico” (o Autor de “Os Maias” morreu antes da República em 1910; portanto, nem foi difícil negar a frase numa posição minimante histórica). Uma outra frase, partilhada nesse temível e horroroso veículo que constitui a Internet, foi atribuída a Thomas Jefferson, o terceiro presidente dos Estados Unidos e um dos Autores da Declaração da Independência Norte-Americana (“Quando a injustiça se torna lei, a resistência torna-se um dever”), mas viu negada a sua autenticidade.

Também a proclamação “As pessoas inteligentes serão proibidas de fazer qualquer reflexão para não ofender or imbecis”, atribuída a Dostoiévski, viu negada a sua autenticidade. O Autor de “Crime & Castigo” não apresentou registo de a ter escrito. Parece-me até que as pessoas que cometem este “crime” de partilhar falsas citações, bem se arriscam a apanhar um “castigo”, como ver as suas contas banidas ou consideração prejudicada nas redes. Não sei se os Leitores partilham do mesmo ponto de vista; mas, enfim; é uma ironia burlesca da situação, pois...

Todos estas falsas citações encontram-se já desmentidas no próprio site do Polígrafo SIC, e, sem a colaboração destes Profissionais com a Letra Maiúscula, imaginemos a quantidade de romances que o próprio Eça traçaria com a sua fugaz e ardente pena, mas bom... Analisámos como o Checking altera a política. Ao termos estudado a sua ascensão nesta área, vamos explicitar os desafios a ultrapassar.

## **Sem Desafios, não há Ascensão**

A meu ver, o principal obstáculo da verificação de factos é a formação de novas tecnologias. Estas são as culpadas pela divulgação de fake news e, para reforçar esta passagem, vale ressaltar que quase todos nós (incluindo o amigo leitor) temos uma pegada digital e estamos presentes na Internet. A web é o “veículo” que facilita a partilha de dados não fundamentados e, por isso, grande parte da sociedade é afetada. De acordo com a Reuters (2019), o Facebook, usado por 6 milhões de compatriotas, era a nossa principal porta de acesso à informação. Estas redes funcionam, lamentavelmente, enquanto propaganda maligna; e, segundo Bucci (referido por Souza Vieira, 2019), é mesmo impossível combater a aceleração da partilha de conteúdos falsos.

Um outro problema que o Fact-Checking tenta combater é a atratividade de artigos falsos, com recurso a títulos polémicos e imagens apelativas ou chocantes. Acontece que, se analisarmos os títulos das notícias verdadeiras, constatamos que estas não alcançam tão rapidamente um engagement em relação às fake. O auto proclamado estóico Ryan Holiday escreveu, no seu próprio blog em 2016, que “notícias falsas não são uma coisa nova que nos estão a fazer. É algo que estamos a fazer a nós mesmos. Assim como sempre fizemos”; partido da qual partilho: muitos cibernautas seduzem-se por conteúdo apenas produzido para atrair likes e passam a palavra uns aos outros. Ora; tal provoca um grande impasse em anunciar a verdade, já que os conteúdos se tornam, frequentemente, virais: o MIT (o ilustre Instituto de Tecnologia de Massachusetts) comprovou com um estudo, publicado na Science Magazine em março de 2018, que o conteúdo falso se espalha 70% mais rápido do que o verdadeiro, o que reflete parte da nossa essência enquanto humanos.

Mas engane-se quem acredita que a verificação de factos enfrenta apenas desafios no mundo digital: nunca foi tão importante para nós preservar conhecimento,

acumulado por séculos, como agora! O American Press Institute refere que verificar factos permite “aumentar o conhecimento” e, como menciona Thamirys Viana (2021), o Fact-Checking deve “alargar os horizontes de pensamento dos cidadãos em relação aos mais variados assuntos, em especial àqueles que impactam de forma significativa a sociedade, tais como (...) a educação”. Goebbels, ministro da Propaganda Nazi e um Mestre da publicidade enganosa, supostamente (e sublinhe-se este termo, já que não se apresenta nenhuma fonte primária para o confirmar) escreveu que “Uma mentira, contada mil vezes, passa a ser verdade!”. A certificação tem o dever de educar. Quando factos são 100% dados verdadeiros, o Fact-Checking coroa-se de uma auréola e é-nos graciosamente benéfica; por sua vez, informação 100% falsa parece querer atrasar o conhecimento já adquirido. Torna-se, mesmo, numa máquina do tempo ridícula para voltarmos atrás na história.

Até convido o prezado leitor a imaginar as expressões de Galileu e Newton se soubessem que, tanto no Polígrafo como no Observador, existem diversos artigos ainda a assegurar que a terra é redonda, em pleno século XXI! Devido às teorias da “Terra é Plana”, um defensor desta, Mike Hughes, até morreu a tentar provar que a terra não era redonda, utilizando um foguete feito em casa, como menciona o Observador! A quantidade de notícias fake sobre o Covid é absurda: os verificadores do Polígrafo desmentiram dados que argumentavam que sumo de limão apresentava positivo nos testes ou que o diretor da OMS alertava que as vacinas estavam “a ser usadas para matar crianças”! Sem o Checking, o negacionismo chamava mais pessoas à sua intragável seita... Acreditem...

Outra dificuldade que o Fact-Checking combate é a total falta de credibilidade que prejudica os profissionais da área informativa: os Jornalistas. Partilho a opinião de Kerunga, Rowe e Gondwe (2020), que referem que “há muito a aprender com o passado ao prever o futuro da credibilidade dos Media. Ao mesmo tempo, também há muito para deixar de lado e reconhecer como coisa do passado, se realmente quisermos seguir em frente”.

Tenho constatado que notícias falsas chegam a jornais conceituados e são tidas como verídicas. Ora, este desafio ilustra a completa desconfiança que os Media, por vezes, transparecem e é um grave obstáculo à imprensa fidedigna, que realmente se empenha por confirmar e verificar as suas fontes. Qualquer um pode ser atraído: para exemplificar, a notícia de que o Ditador Norte-Coreano Kim Jong-Un teria imposto um corte de cabelo idêntico aos homens foi já desmentida, através de um grande esforço por parte dos verificadores imparciais e unânimes. Na realidade, ainda que não haja total escolha, pode-se escolher entre 10 penteados e; contudo, o artigo está ainda disponível no site da TVI24, o que demonstra que os “Grandes Sites” são, igualmente, enganados...

Finalmente, um outro desafio a apontar é a variedade de metodologias e procedimentos de verificação de factos, já que não existe uma regra geral. Como nos indica Florence de Oliveira (2020), “nem sempre os Fact-Checkers seguem os princípios estabelecidos pela rede global a qual pertencem, não existindo assim uma padronização da metodologia”. A autora refere também que o programa de verificação de factos mais conhecido é o ClaimReview, que facilita a identificação correta de artigos. Também a FullFact, organização baseada em Londres que se dedica a corrigir factos espalhados nos Media e nas Redes, explica que existem 3 tipos de Checking: a que procura um facto verdadeiro numa lista de fontes (“referências”); a que encontra sinais de veracidade num facto (“mecânica”); e a que analisa e avalia a veracidade de um dado segundo a informação e a sua sobrevivência na Web (“contextual”). Percebemos, então, que não existe apenas um modo de verificação...

Nesta secção, ficámos a conhecer os desafios impostos à verificação de notícias. Mas o que fazer para evitar tantas notícias falsas?

## Norte-coreanos obrigados a ter o mesmo penteado de Kim Jong-un

Redação CM 26 mar 2014, 22:54



**Nota.** Retirado de (2014, 26 Março). Norte-coreanos obrigados a ter o mesmo penteado de Kim Jong-un. TVI Notícias. <https://tvi.iol.pt/noticias/internacional/videos/norte-coreanos-obrigados-a-ter-o-mesmo-penteado-de-kim-jong-un>

Exemplo de notícia falsa

### “Nada é nosso à exceção dos pequenos centímetros cúbicos no interior do nosso crânio”

Apesar de estarmos em 2023 e não em 1984, George Orwell não perdeu razão com a sua frase. Em modo de conclusão do artigo, o leitor é apresentado de 4 recomendações para evitar fake news. Estas são as aplicadas para verificar factos; e, então, afastamos as cortinas para entrar nos bastidores destes profissionais.

A 1ª é sugerida pelo Grande Escritor: usar o intelecto para sermos críticos. É fundamental conversar com os outros sobre um dado e verificar se, o que supunhámos uma notícia, se trata de uma opinião. Todos têm direito a uma, mas tal não constitui notícia; e, para ilustrar a florescente preocupação com a distinção de opiniões e factos, cito um estudo. Concretizado pela Pew Research Center em 2018 e apresentado por Mitchell, Gottfried, Barthel e Sumida (2018), mostra a dificuldade dos Norte-Americanos (só 36% dos inquiridos, com alto nível de conhecimento político, conseguiu identificar factos e falsidades). Cerca de 48% dos Portugueses afirmam que distinguem notícias de opiniões, segundo a Eurobarómetro (2019). Os Fact-Checkers são imparciais.

Ler a integridade do conteúdo também consiste numa poderosa forma de afrontar o desafio. Ironicamente, quem lê o título apenas pensa saber mais do que realmente sabe e revela excesso de confiança, segundo um estudo a mais de 900 pessoas pela Research And Politics de 2019, e mencionado num artigo de Anspach (2019). Também verificar a data de publicação, a URL e as fontes, é recomendável, e o jovens, tão presentes no mundo digital, têm um importante papel na causa. Segundo Sara

Pereira, investigadora na Universidade do Minho, numa entrevista ao Público (2019): “Há uma tendência grande para, hoje, em dia, o contacto que os jovens têm com as notícias ser feito através das redes sociais”; contudo, só o que aparece no feed sem o link da página concretamente. Segundo as respostas dos jovens entrevistados pelo Jornal, as notícias parecem “desinteressantes e repetitivas” e, muitas vezes, partilham conteúdos obsoletos sem sequer verificar se as fontes e a URL são confiáveis ou não.

A última sugestão, mas não menos importante, é validar conteúdos de uma fonte noutras diferentes. Se pesquisarmos a mesma notícia no motor de busca, “sendo verdadeira, haverá certamente outras fontes fidedignas que estejam também a noticiar a mesma informação. Caso seja uma notícia falsa, é provável que encontre informação sobre a sua falsa de veracidade” (Comunicado da Internet Segura, 2020). Os verificadores pesquisam o conteúdo em diversas fontes para se certificarem de que existe coerência entre estas.

## **Conclusão**

Com este artigo, conseguimos entender melhor não só a crescente relevância da verificação de factos mas também a sua recente inclusão nos Media tradicionais e nas redes sociais. Ao termos estudado o discurso político no nosso País e exposto os desafios que temos pela frente, tenho a certeza de que a verificação permanecerá o Pilar Jornalístico durante longos anos.

Como última missão, apelo aos estimados peritos e companheiros da Web para que, unidos, nos tornemos Fact-Checkers! As redes sociais são usadas por inúmeras pessoas, mas o lema d’Os Três Mosqueteiros sempre se justifica: “Um por Todos; Todos por Um!”

## Referências

- Alves, A. M. G. (2020, June 29). Fazer Fact-Checking em Portugal. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/11042>
- Anspach, N. M., Jennings, J. T., & Arceneaux, K. (2019). A little bit of knowledge: Facebook's News Feed and self-perceptions of knowledge. *Research & Politics*, 6(1), 205316801881618. <https://doi.org/10.1177/2053168018816189>
- Barrera, O., Guriev, S., Henry, E., & Zhuravskaya, E. (2020). Facts, Alternative Facts, and Fact Checking in Times of Post-Truth Politics. *Journal of public economics*, vol.182, pp. 104-123. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jpubeco.2019.104123>
- Desinformação e Fake News | Internet Segura. (2023, Abril). Internet Segura. <https://www.internetsegura.pt/FakeNews>
- Dourado, T. M. S. G. (2019). Fact-checking como possibilidade de media accountability sobre o discurso político? *Revista Compólitica*, 9(2), 93–112. <https://doi.org/10.21878/compolitica.2019.9.2.143>
- Durães, M. (2019, Novembro, 20) Ler notícias? Só se aparecerem no “feed”. Para os jovens, são “desinteressantes e repetitivas.” PÚBLICO. <https://www.publico.pt/publico-na-escola/artigo/ler-noticias-so-se-aparecerem-no-feed-para-os-jovens-sao-desinteressantes-e-repetitivas-1894318>
- Holiday, R. (2017, Dezembro, 1). We Don't Have a Fake News Problem—We Are the Fake News Problem. *Observer*. <https://observer.com/2016/11/we-dont-have-a-fake-news-problem-we-are-the-fake-news-problem/>
- Kerunga, J., Rowe, E., & Gondwe, G. (2020). Journalism Credibility in the Digital Age – Examining Shifts in Paradigms. *Social Science Research Network*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3641943>
- Lockie, S. (2017). Post-truth politics and the social sciences. *Environmental Sociology*, vol.3, nº1, pp. 1-5.
- Mitchell, A., Gottfried, J., Barthel, M., Sumida, N., & Mitchell, A. (2021, Maio, 28). Distinguishing Between Factual and Opinion Statements in the News. *Pew Research Center's Journalism Project*. <https://www.pewresearch.org/journalism/2018/06/18/distinguishing-between-factual-and-opinion-statements-in-the-news/>
- Nyhan, B., Porter, E., Reifler, J. & Wood, T.J. (2019). Taking Fact-Checks Literally But Not Seriously? The Effects of Journalistic Fact-Checking on Factual Beliefs and Candidate Favorability. *Springer US*. doi: <https://doi.org/10.1007/s11109-019-09528-x>
- Souza Vieira, M.V. (2019). A relevância do jornalismo em tempos de fake news e sua necessidade de reinvenção na era da Pós-Verdade. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória – ES*.
- Vosoughi, S., Roy, D., & Aral, S. (2018). The spread of true and false news online. *Science*, 359(6380), 1146–1151. <https://doi.org/10.1126/science.aap9559>

